

## Esporte universitário e Associações Atléticas Acadêmicas: estrutura administrativa e perfil dos gestores na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Brasil

### University sport and academic athletic associations: administrative structure and profile of managers at Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Brasil

### Asociaciones universitarias deportivas y académicas atléticas: estructura administrativa y perfil de los directores de la Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Brasil

\*Leonardo Silva Ribeiro, \*Isabela Machado de Goes Martineli, \*\*Rodrigo Tramutolo Navarro,

\*\*\* Marcelo Moraes e Silva, \*Junior Vagner Pereira da Silva,

\*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil), \*\*\*Universidade Federal do Paraná/Brasil (Brasil), \*\*Instituto Federal de Panamá (Brasil).

**Resumo:** Objetivou investigar a estrutura administrativa e o perfil dos gestores das AAAs ligadas a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Cidade Universitária. Para tanto, investigou-se presidentes e membros das diretorias das AAAs vinculados a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com aplicação de questionários eletrônicos. As AAAs encontram-se formadas predominantemente por cursos, compostas pelo mínimo oito e máximo 39 diretorias, com presidência, vice-presidência e secretaria (gestão central) e diretoria de esportes, marketing, eventos e tesouraria (gestão setorial) predominando. A filiação tem a matrícula no curso e pagamento da anuidade como principais exigências, não se relaciona ao número de discentes, sendo os descontos em produtos, instituições parceiras e eventos os principais benefícios. A presidência é majoritariamente masculina, enquanto as diretorias, homogênea, matriculados entre o 5º e 8º semestre, participantes da Educação Física e treinamentos esportivos na Educação Básica. A falta de tempo e falta de oportunidades foram as principais barreiras para quem não teve experiência esportiva.

**Palavras-chave:** Universidades. Gestão do esporte. Associativismo.

**Abstract:** It aimed to investigate the administrative structure and the profile of AAAs managers linked to the Federal University of Mato Grosso do Sul/Cidade Universitária. For that, presidents and members of the boards of the AAAs linked to the Federal University of Mato Grosso do Sul were investigated, with the application of electronic questionnaires. The AAAs are predominantly formed by courses, with a minimum of eight and a maximum of 39 directorates, with the presidency, vice presidency and secretariat (central management) and sports, marketing, events and treasury (sectoral management) predominating. Membership has enrollment in the course and payment of the annual fee as its main requirements, it is not related to the number of students, with discounts on products, partner institutions and events being the main benefits. The presidency is mostly male, while the directors, homogeneous, enrolled between the 5th and 8th semester, participants of Physical Education and sports training in Basic Education. Lack of time and lack of opportunities were the main barriers for those who had no sporting experience.

**Keywords:** Universities. Sport Management. Associativism.

**Resumen:** Tuvo como objetivo investigar la estructura administrativa y el perfil de los gestores de AAAs vinculados a la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul/Cidade Universitária. Para eso, fueron investigados presidentes y miembros de los directorios de la AAAs vinculados a la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, con la aplicación de cuestionarios electrónicos. Las AAAs están formadas predominantemente por carreras, con un mínimo de ocho y un máximo de 39 direcciones, predominando la presidencia, vicepresidencia y secretaría (dirección central) y deportes, marketing, eventos y tesorería (dirección sectorial). La membresía tiene como principales requisitos la inscripción al curso y el pago de la cuota anual, no está relacionada con el número de alumnos, siendo los principales beneficios los descuentos en productos, instituciones colaboradoras y eventos. La presidencia es mayoritariamente masculina, mientras que los directores, homogéneos, matriculan entre el 5º y 8º semestre, participantes de Educación Física y formación deportiva en la Educación Básica. La falta de tiempo y la falta de oportunidades fueron las principales barreras para quienes no tenían experiencia deportiva.

**Palabras-clave:** Universidades. Gerencia Deportiva. Asociativismo.

## Introdução

As primeiras iniciativas voltadas ao esporte universitário no Brasil foram alicerçadas no voluntariado estu-

dantil e conduzida pelo associativismo a partir do final do Século XIX, com participação de grêmios, centros acadêmicos e AAAs (Starepravo, et al., 2010a; Pessoa, & Dias, 2019). Em que pese mais tarde os centros acadêmicos tenham mantido identidade maior com o movimento político e as AAAs com a integração por meio do

---

Fecha recepción: 09-02-22. Fecha de aceptación: 02-07-22  
Junior Vagner Pereira da Silva  
jr\_lazer@yahoo.com.br

esporte, inicialmente não havia demarcação da atuação (Melo, 1997).

O *College Mackenzie*, em São Paulo e a Faculdade de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro, foram precursoras em ações destinadas ao esporte universitário. Promoveram treinamentos e competições por meio de amistosos e jogos (Starepravo, et al., 2010a).

Com competições até então restritas ao âmbito estadual, a partir de 1916 ocorreram as primeiras disputas interestaduais. Em termos de eventos nacionais, em 1934 foi realizado o Iº Jogos Universitários Brasileiros e em 1935, a Iª Olimpíada Universitária do Brasil. Rio de Janeiro e São Paulo também foram precursores na criação de federações universitárias, respectivamente 1933 (Federação Atlética de Estudantes) e 1934 (Federação Universitária Paulista de Esportes), movimento que corroborou com que em 1939 surgisse a Confederação Universitária Brasileira de Esportes (CUBE), gerida pelos próprios estudantes e sem interferência do Estado (Starepravo, et al., 2010a; Pessoa, Dias, 2019). Em 1940, novamente em São Paulo, foi realizada a IIª Olimpíada Universitária do Brasil, envolvendo equipes de São Paulo, Rio Grande do Sul, Distrito Federal (a época Rio de Janeiro), Estado do Rio, Minas Gerais e Bahia (Starepravo, et al., 2010b).

Até então geridas com recursos de festas e bailes, com a ampliação dos jogos e da quantidade de participantes, os custos aumentaram, sendo inevitável a busca de apoio financeiro junto a autoridades políticas, as quais pelo incentivo concedido, eram convidados a participar de aberturas e encerramentos dos eventos (Pessoa, & Dias 2019).

Isto porque os eventos esportivos contavam com participação de grande público, sejam envolvidos diretamente (atletas), indiretamente na organização ou a população da cidade (Melo, 1997), criando clima favorável ao apoio de políticos, que por sua vez, visavam a obtenção da popularidade e simpatia junto aos organizadores e estudantes em geral.

Pautada na necessidade (AAAs) e oportunidade (políticos), tal relação abriu espaço favorável a apropriação do esporte universitário pelo Estado, sua institucionalização e regulamentação. Mesmo havendo forte movimento estudantil contrário, parcerias estabelecidas com estudantes em alinhamento ao governo, corroboravam com a desarticulação. Portanto, a apropriação e aparelhamento, com regulamentação e financiamento, ocorreu em face a um regime autoritário incomodado com a mobilização dos centros acadêmicos contrários ao governo e pela percepção do abrandamento que grupos aliados a eles poderiam promover frente as AAAs mediante a liderança que dispunham.

Logo, conforme defendem Pessoa e Dias (2020), tal movimento não ocorreu abruptamente, mas sim por meio de artimanhas de desestruturação do movimento estudantil, com cooptação de aliados que se alinhavam ao governo

e desfrutavam de benefícios diretos e indiretos, embora não sem conflitos e resistências pelos de posição contrária.

Não por acaso, algumas das mudanças empreendidas foram reivindicações da ala estudantil que apoiava o governo a época.

[...]. em 1940, um ano antes, portanto, da promulgação do tal decreto-lei, seriam quatro os pontos que interessariam aos universitários nesse processo, segundo Cid Novajas, Secretário Geral da FUIPE. 1) a necessidade de licenças para os universitários participarem de campeonatos de outras entidades esportivas que não fossem estudantis; 2) a mudança do nome da Confederação Brasileira de Desporto Universitários, 3) a mudança da sede da Confederação de São Paulo para o Rio de Janeiro; 4) auxílio moral e material do governo (Seria Preciso, 1940 *apud* Pessoa, & Dias, 2019).

Sob a alegação de favorecer as experiências esportivas, além de condicionar a autorização e reconhecimento de cursos das universidades brasileiras a construção de praças esportivas para os alunos (Brasil, 1938), o Estado estabeleceu medidas indutoras de criação de infraestrutura e financiamento das ações das AAAs.

Tal feito, seguindo os mesmos passos da regulamentação geral do esporte no país (Brasil, 1941a), se consolidou por meio do Decreto-lei nº 3.617/1941, que estabeleceu as bases da organização do desporto universitário, dentre elas, o controle da CUBE, com alteração do nome para Confederação dos Desportos Universitários (CBDU), doravante detentora do poder de subsidiar, fiscalizar e fomentar o esporte universitário (Brasil, 1941b).

No que tange a infraestrutura, atribuiu as universidades e demais instituições de Ensino Superior isoladas, a obrigatoriedade por construção de praças esportivas, adotando essa medida como critério condicionante à autorização e reconhecimento federal para funcionamento da instituição. Oficializou o subsídio financeiro às AAAs de modo a auxiliar no desenvolvimento de suas atividades como responsabilidade das universidades privadas, o mesmo ocorrendo com as federais. Ainda, reconheceu os Jogos Universitários Brasileiros como competição universitária nacional, a primeira Olimpíada Universitária Brasileira, os Jogos Universitários de Minas Gerais e a Segunda Olimpíada Universitária Brasileira, como suas primeiras edições (Brasil, 1941b).

Com a regulamentação oficial, a representação básica passou a ser realizada pelas AAAs, compostas por alunos do mesmo curso, que no interior de cada instituição deveriam compor a Federação Atlética Acadêmica (FAA) vinculada ao Centro Acadêmico, com o presidente daquele fazendo parte deste (Brasil, 1941b). Tal organização posicionava hierarquicamente as FAA diretamente a Confederação dos Desportos Universitários, não existindo, até então, a figura de uma representação estadual.

Tais mudanças fizeram com que o protagonismo estudantil até então presenciado se perdesse e fosse instrumentalizado pelo Estado como mecanismo de propaganda político-ideológica (Pires, 1998), ou seja, utilizado como forma de mitigar parte da oposição sofrida pelo movimento estudantil e veículo de ampliação do raio de influência sobre o universo esportivo universitário (Pessoa, & Dias, 2019).

Neste cenário, as AAAs exerceram o papel de mediadoras entre estudantes e Estado, pois os estudantes buscavam a autonomia esportiva e política, o subsídio e fomento das práticas esportivas e, o Estado, por sua vez, se valia dos resultados e da representatividade que o esporte universitário transmitia para a população (Camargo, & Mezzadri, 2018), usando-o como instrumento de propaganda política, conceitual e social (Pires, 1998).

No fim da década de 1970, sob ordem da ditadura militar, o Sistema Desportivo Nacional brasileiro foi estruturado em comunitário, estudantil, militar e classista. O esporte estudantil, o qual o universitário integrava, vinculado a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários (CBDU), Federações Desportivas Universitárias (FDU) e AAAs (Brasil, 1975; Brasil, 1977). Pela primeira vez uma instituição de representação estadual das AAAs foi constituída, passando a figurar na hierarquia estrutural do esporte universitário como intermediária.

Diferentemente do que até então era regulamentado, as novas normas estabeleceram a existência de uma AAA por universidade, nada especificando sobre aquelas vinculadas aos cursos, incumbindo-as a responsabilidade pela prática do desporto e à realização de competições desportivas no interior de cada instituição. Para as instituições atribuiu a responsabilidade pelo incentivo e disponibilização de recursos financeiros (Brasil, 1977).

Mesmo que desenvolvido em contexto em que as atuações das AAAs tenham sido controversas, com movimentos contrários e favoráveis ao Governo Vargas e a ditadura militar, o esporte universitário foi associado ao autoritarismo e a desmobilização daqueles desfavoráveis ao ideário político-ideológico, de modo que certo distanciamento político para com ele marcasse o período da redemocratização. Acerca da questão, Starepravo et al. (2010a), expõem que o período de 1980-1993 foi marcado pelo distanciamento do Estado do esporte universitário, dado ao estigma que passou a ser associado e uso político-ideológico na contenção da mobilização estudantil.

Em 1987, o esporte universitário foi definido como esporte-performance pela a portaria nº 236 do Ministério da Educação, o que causou grande problema, pois a Constituição de 1988 separou o esporte em profissional e não profissional e definirá o maior repasse de verba ao esporte educacional, deixando o esporte universitário em um

limbo, uma vez que não estava pronto para a profissionalização, nem iria receber verbas suficientes para se manter (Starepravo, et al., 2010a).

Em 1993 surge a Lei nº 8.672 (Lei Zico), em que o esporte adotou a estruturação em profissional e não-profissional, comportando neste segundo a vertente semi-profissional (prática mediante incentivo materiais que não incidam em remuneração) e amador (inexistência de qualquer remuneração ou incentivo) (Brasil, 1993). O decreto nº 981/1993, ao regulamentar a Lei Zico, atribuiu a CBDU competência e poderes equivalentes ao das entidades federais de administração do desporto (Brasil, 1993). Tal estrutura, diferencia-se daquela observada em outros países, como Portugal, em que a Federação Académica do Desporto Universitário é tutelada por um órgão estatal (Santos, Camilo, Cardoso, & Pereira, 2021).

No mesmo sentido caminhou a Lei nº 9.615/1998, em que manteve a classificação do esporte em profissional e não-profissional, modificando apenas elementos deste segundo, que passou a vigorar como aquele em que não há contrato de trabalho e que o recebimento de materiais e patrocínios é permitido (Brasil, 1998). Nota-se que a estrutura composta até então com a presença do esporte universitário, o qual as AAAs se faziam presentes, em ambas as leis passa a inexistir.

O esporte universitário passou a figurar como performance e não dispor de financiamento público, levando-o a aproximação a iniciativa privada, com financiamento e uso do esporte como estratégia de *marketing* (Starepravo, et al., 2010a), dentre elas, a concessão de bolsas de estudo aos atletas com destaque esportivo para representar entidades de ensino particulares (Toledo, 2006), corroborando com que instituições, como a Universidade Paulista se sagrasse campeão das Olimpíadas Universitárias no período de 2005-2009 e estabelecesse seu *marketing* via esporte (Mandarino, et al., 2013) e que outras, como a Universidade Luterana Brasileira, Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade Caxias do Sul, dispusessem de completos e modernos centros de treinamento (Nogueira, 2003).

Mediante ao distanciamento do Estado e ausência de financiamento, passou a vigorar a formalização de parcerias e financiamento publicitário (Malagutti, et al., 2020), em que as universidades, sobretudo as privadas, passaram a fomentá-lo visando o retorno financeiro e divulgação da marca institucional - *marketing* esportivo -, com investimentos a longo prazo. As Universidades Luterana Brasileira, Universidade do Sul de Santa Catarina e a Universidade de Caxias do Sul, são algumas das que lançaram mão desse mecanismo (Machado, & Zem, 2004).

Apenas em 2001 ocorreu reaproximação do Estado ao financiamento, com a determinação de que dos recursos destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê Parao-

límpico Brasileiro (inciso 1º, do item VI do artigo 56 da Lei nº 10.264/2001), 5% fosse obrigatoriamente investido no esporte universitário (Brasil, 2001).

Com modificações promovidas pela Lei nº 12.395/2011, o esporte universitário aproximou-se de entidades de alto rendimento (Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê Paralímpico Brasileiro), passando a CBDU a definir juntamente com estas entidades a programação de investimento (Brasil, 2011). Em 2018 passou a contar com 0,11% dos 4,36% do produto da arrecadação da loteria de prognósticos numéricos destinados ao esporte, com recursos repassados diretamente à CBDU (Brasil, 2018).

Em que pese relevante a retomada do financiamento pelo Estado e distanciamento do uso político-ideológico, o mesmo encontra-se destinado exclusivamente ao financiamento do rendimento esportivo, concentrado em despesas com organização de eventos nacionais e participação brasileira em eventos internacionais.

Nota-se que, com a apropriação das AAAs pelo Estado, a atuação das mesmas esteve presente até 1986. A partir de 1987, deixaram de ser mencionadas e de fazer parte da estrutura hierárquica na normatização federal do esporte universitário, vez que a relação anteriormente existente (CBDU/FAA/AAAs e CBDU/FDU/AAAs) foi substituída pela relação CBDU/FDU nos 26 estados brasileiros e Distrito Federal, com a função de organizar competições e eventos esportivos universitários oficiais. Neste cenário, pouco se sabe sobre as AAAs e a nova organização, estrutura administrativa, composição e atuação nas últimas décadas, pois a maioria dos estudos disponíveis focaram períodos anteriores – 1933-1940 (Pessoa, & Dias, 2019), 1940-1980 (Camargo, & Mezzadri, 2018), 1916-1993 (Starepravo, et al., 2010a).

Portanto, evidenciam-se lacunas na literatura que levam a algumas indagações em relação as AAAs na atualidade. Como são compostas? Como estão estruturadas? Como são organizadas? Como são administradas? A ausência de tais informações exige o investimento em novas pesquisas, de modo a corroborar com os saberes já produzidos sobre períodos anteriores.

Diante ao exposto, o presente artigo teve por objetivo investigar a estrutura administrativa das AAAs e o perfil dos gestores ligados a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/Cidade Universitária. Especificamente, objetivou-se identificar os tipos de filiação em relação aos integrantes das AAAs; investigar a relação entre número de acadêmicos matriculados e vinculados as associações; diagnosticar os critérios exigidos para associação e os supostos benefícios em ser associado; avaliar a composição da estrutura administrativa; identificar o perfil dos gestores (idade, sexo, semestre) e analisar o histórico de relacionamento dos gestores com a Educação Física escolar e o esporte.

## Materiais e métodos

A pesquisa caracteriza-se como transversal, na medida em que centrou atenção em apenas um momento da vida da população investigada (Bordalo, 2006), de campo, com a ida dos pesquisadores ao local onde o fenômeno a ser pesquisado ocorreu (Dalfovo, et al., 2008) e descritiva/exploratória, por descrever as características e relações da população investigada e esclarecer acerca de conceitos e ideias sobre o tema (Gil, 2010a), com abordagem quantitativa e qualitativa.

A população foi composta por presidentes e diretores com vínculo as AAAs na UFMS/Cidade Universitária, mandato de 2019. Das 22 existentes na instituição, 17 presidentes e 44 diretores compuseram a amostra por adesão. Os critérios de inclusão foram ter exercido a função de gestão/administração em AAAs existentes na UFMS/Cidade Universitária em 2019; apresentar anuência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *on-line*; aceitar participar da pesquisa. O critério de exclusão foi o participante ter menos de 18 anos.

A técnica de coleta foi a aplicação de questionários, lidos e preenchidos pelo próprio sujeito (Gil, 2010a). Os instrumentos foram dois questionários *on-line*, elaborados em *WordPress*, que possibilitaram agilidade e precisão com os envolvidos (Gil, et al., 2013). Diferentemente dos questionários impressos, questionários virtuais têm apresentado maiores taxas de respostas (Edwards, et al., 2009).

Seguindo as recomendações de De Von et al. (2007), na elaboração dos instrumentos utilizou-se matriz teórica dos estudos do esporte universitário no Brasil e atuação das AAAs (Starepravo, et al., 2010; Pessoa, & Dias, 2019; Camargo, & Mezzadri, 2018; Oliveira, 2016).

Posteriormente a revisão teórica foram identificados os constructos, elaborados os itens e os instrumentos (De Von, et al., 2007). Recorreu-se às recomendações da literatura especializada, em específico, no tange a variedade de itens (De Von, et al., 2007), vocabulário aplicado na formulação das questões, extensão do instrumento (quantidade de questões) e distribuição das perguntas (Gil, 2010b).

Foram criados dois questionários, um destinado aos presidentes e outro aos diretores. O questionário direcionado aos presidentes foi composto por nove perguntas, organizadas em três constructos, todas abertas – 1. Perfil demográfico dos presidentes (sexo, idade, AAA a qual está vinculado, semestre que está cursando), 2. Estrutura administrativa (quantidade de diretores, funções exercidas), 3. Associados (quantidade, critérios, exigências e benefícios). Já o instrumento aplicado aos diretores contou com 11 questões, organizadas em dois constructos, abertas (7) e fechadas (4) – 1. Perfil demográfico (AAA a qual está vinculado, sexo, função exercida, semestre que estava cursando),

2. Histórico com o esporte (participação nas aulas de Educação Física, vínculo com treinamento esportivo anterior a universidade, modalidade do treinamento, participação em competições esportivas, nível das competições, modalidades que competiu).

A aplicação do instrumento ocorreu com o envio de *e-mail* aos participantes, ocasião em que os objetivos da pesquisa e o *link* de acesso aos questionários foram disponibilizados. Os *e-mails* dos diretores foram obtidos junto ao presidente da Liga das Atléticas UFMS (LAUFMS) e os *e-mails* dos diretores, por intermédio dos presidentes.

A análise dos dados quantitativos ocorreu pela frequência absoluta e relativa. Em específico para estimar o alcance, o número de associados foi dividido pelo número de alunos matriculados em cada curso (Alcance = número de associados na AAA / número de alunos matriculados no curso que a atlética é vincula). Já os qualitativos por meio da análise de conteúdo temática, foram interpretados em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento de dados (Gil, 2010a).

A pré-análise foi o primeiro contato com os dados; a exploração do material “[...] refere-se fundamentalmente às tarefas de codificação, como recorte (escolha das unidades), enumeração (escolha das regras de contagem) e classificação (escolha da categoria)” (Gil, 2010a, p. 152) e o tratamento dos dados, a interpretação dos resultados, lançando mão de tabelas na apresentação.

O manuscrito consiste em um recorte da pesquisa “Esporte Universitário e associativismo: protagonismo, engajamento e atuação das Associações Atléticas Acadêmicas”, aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa sob nº CAAE: 55375021.4.0000.0021, seguindo as recomendações da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

## Resultados e Discussão

### Tipos de organização e composição das AAAs

A Cidade Universitária/UFMS é composta por 16 unidades setoriais (Escolas/Faculdades/Institutos), com 66 cursos e conta com 22 AAAs constituídas, das quais cinco não aceitaram participar da investigação. Sua organização é pautada em quatro diferentes formas de agrupamento - alunos do mesmo curso, com formação única - Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Geografia, Medicina, Odontologia, Psicologia e Turismo - (64.70%); estudantes da mesma graduação, mas com formações ou habilitações diferentes - Ciências Biológicas, Educação Física e Letras (17.64%); universitários de vários cursos de uma mesma faculdade/escola/instituto - Faculdade de Computação (Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Engenharia de

Software, Sistemas de informação, Análise e desenvolvimento de sistemas e Redes computadores); Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Alimentos e Nutrição (Nutrição e Engenharia de alimentos) (11.76%) - e cursos de Faculdade/Escola/Instituto diferentes, mas de uma mesma área do conhecimento - Ciências Exatas - Química, Física, Matemática (5.88%) (Tabela 1).

Tabela 1  
Composição das AAAs – UFMS/Cidade Universitária – 2019

Origem	Sigla	Diretorias	Matriculas	Associados	Alcance
Administração	AAACAPIVARÃO	15	669	250	0,37
Biologia	AAABIO	8	511	0	-
Ciências Contábeis	AAACONT	8	277	69	0,24
Ciências Econômicas	AAA XIII DE AGOSTO	14	247	-	-
Computação	AAACOMP	20	1445	300	0,20
Educação	AAA EFUFMS	12	360	70	0,19
Física					
Enfermagem	MAGAAA	14	248	64	0,25
Farmácia	AAAFARMA	12	268	37	0,13
Fisioterapia	AAAFISIO	15	205	56	0,27
Geografia	AAAGEO	10	178	55	0,30
Letras	AAALMA	5	229	24	0,10
Medicina	AAAMUFMS	39	446	231	0,51
Ciências Farmacêuticas, alimentos e Nutrição	AAANPEE	21	295	60	0,20
Odontologia	AAAACF	12	284	73	0,25
Psicologia	PSICAAA	7	259	60	0,23
Ciências Exatas	AAACEx	15	809	151	0,18
Turismo	AAATUR	4	149	20	0,13

Fonte: Elaborado pelos autores.

Comparado ao número de associações existentes em outras IFES, o quantitativo é igual ao encontrado na Universidade Federal de Uberlândia (Pereira, & Silva, 2019) e superior aos evidenciados na Universidade de Brasília (Oliveira, 2016) e universidades federais mineiras (Pereira, & Silva, 2019).

Decorridos mais de 80 anos da sua primeira regulamentação, atualmente o associativismo esportivo universitário no Brasil dispõe de estrutura e objetivos diferentes daqueles normatizados pelo Decreto-lei nº 3.617/1941. Desvinculou-se dos Diretórios Centrais, em que eram compostos por representantes da universidade e a representava em competições. Dispõe de estrutura de acordo com as características particulares de cada instituição, contando com atléticas formadas por alunos de curso único, cursos com formações e habilitações em licenciatura e bacharelado da mesma faculdade ou por unidades setoriais (Belato, 2018) ou curso único, cursos de uma mesma unidade, área de conhecimento ou campus (Pereira, & Silva, 2019).

As FAAs das instituições de Ensino Superior deixaram de existir e cederam espaço às LIGAS, entidades compostas

por presidentes das AAAs vinculadas aos cursos, faculdades ou outras áreas de conhecimentos, dispondo de atuação política junto a instituição e organização de eventos esportivos internos. Exercem interlocução mais no contexto interno das universidades do que externo. Figuram como instâncias colegiadas, integradas, consultivas, deliberativas e executivas responsáveis pela atuação em nome do coletivo e incumbem-se de organizar eventos esportivos internos em cada universidade, como os Jogos Interatleticas Universitários na UFMS (JIUFMS).

A representação das instituições em jogos nacionais por AAAs foram se perdendo, pois, os regionais, organizados pelas FDU's, não têm mais relação direta com as atléticas como outrora, mas sim com setores da administração central das universidades, condição que tem corroborado com que as LIGAS fomentem seus próprios eventos. Esta dinâmica, conforme achados de Malagutti, Rojo e Starepravo (2020), tem sido observada em outras instituições nacionais, como a realização do InterUNESP, InterMED-SP, Engenhariadas-PR e Jogos Jurídicos-MG.

A média de associados é de 87,77, com mínimo zero e máximo 300, quantidade inferior ao observado por Palma et al. (2018) em São Paulo, que indicaram predominância entre 3.001 a 5.000 e 5.001 a 8.000 associados, algo que pode estar relacionado a São Paulo ser um dos berços do associativismo das atléticas acadêmicas, bem como a maior cidade em contingente populacional do país e, consequentemente, a com maior número de universitários no território brasileiro.

A quantidade de discentes matriculados demonstrou figurar como fator relevante para dispor de maior número de associados, haja vista que das seis atléticas com maior número de membros (Faculdade de Computação, Ciências Exatas, Administração, Biologia, Medicina e Educação Física), quatro foram as que mais integrantes possuíam (AAA-COMP, AAACapivarão, AAAMUFMS e AAACEX). Por sua vez, a relação entre matriculados e números de associados, indica que a AAAMUFMS é a que dispõe de maior alcance entre os acadêmicos, seguida pela AAACapivarão, AAAGEO e AAAFISIO, o que pode estar relacionado a capacidade de articulação da diretoria junto as discentes para que se filiem.

### ***Critérios e benefícios para associação***

Critérios formais são utilizados para a associação (Tabela 2), com destaque para “estar matriculado ao curso” (47.05%) e o “pagamento de anuidade” (41.17%). Para potencializar a filiação, a maioria das agremiações oferece benefícios aos associados, predominando as vantagens financeiras - descontos em produtos (94.11%), descontos em instituições parceiras (82.35%) e eventos (64.70%) e participação nos treinos oferecidos (29.41%).

Tabela 2

*Critérios e benefícios para associação – AAAs da UFMS/Cidade Universitária – 2019*

Exigências para associação	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Exigências para associação		
Estar matriculado no curso	8	47.05%
Pagar anuidade	7	41.17%
Representar a atlética/Torcer pela atlética em competições	1	5.88%
Não estar cumprindo algum tipo de punição	1	5.88%
Ser formado ou professor nos cursos	1	5.88%
Nenhum	3	17.64%
Benefícios oferecidos aos associados		
Descontos em produtos	16	94.11%
Descontos em instituições parceiras	14	82.35%
Descontos em eventos	11	64.70%
Participação em treinos	5	29.41%
Sorteios de produto	3	17.64%
Carteirinha de associado/estudante	2	11.76%
Participação em competições	2	11.76%
Treinador	2	11.76%
Participação gratuita em competições esportivas	2	11.76%
Brindes	2	11.76%
Direito de participar das reuniões/Materiais esportivos/Desconto em eventos\produtos de atléticas parceiras/Treinos em atléticas parceiras/Maior integração com outras atléticas/Representar a atlética/Benefícios em torneios/ Produtos exclusivos/Open bebida da atlética em eventos/Poder de voto em escolhas de produtos/Apoio em jogos/Prática esportiva	1	5.88%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A exigência de estar matriculado consiste em elemento básico da composição das atléticas, portanto, antecede a relação. Essa relação, de certo modo, figura como identificação mais ampla ligada ao contexto social (conexão). Todavia, a partir dessa relação que antecede, diversos comportamentos e atitudes passam a ser determinados em normas que regem os grupos, de modo a se sentirem pertencentes as mesmas.

A respeito da questão, Fagundes, Prado e Félix (2022), evidenciaram como consequentes da identificação com as atléticas brasileiras a filiação com a atlética (exteriorização publicamente da sua filiação), filiação social (participação em eventos esportivos pela presença de grupos de referência), entusiasmo (motivação e estímulo para exercer esforço além do normal para participar das atividades esportivas), recomendação da atlética (impulsão e proteção dos interesses da associação), envolvimento (relevância dada com base em suas necessidades, valores e interesses), interconexão (grau em que as pessoas sentem parte de um grupo) e coletividade (sentimento de comunidade em que o comportamento individual é ditado pela cultura coletiva).

O pagamento de anuidade decorre desta ser uma das principais fontes de manutenção das ações desenvolvidas por essas entidades, haja vista a ausência de investimento de recursos públicos ou privados, fazendo com que a composição financeira ocorra por iniciativas próprias.

Em que pese existir a possibilidade de apoio financeiro pelas próprias instituições por meio do PDI, Reuni, PNAES e recursos orçamentários (Belato, 2018), sua materialização é incipiente e figura como principal barreira ao trabalho desenvolvido pelo associativismo (Pereira, & Silva, 2019), sendo a cobrança de anuidades uma das suas grandes fontes orçamentárias (Palma, et al., 2018).

### Perfil dos gestores das AAAs

A presidência é ocupada sobretudo por estudantes entre 21 e 24 anos, masculino, do 7º e 8º semestre. As diretorias são estruturadas majoritariamente por pessoas de 21 a 24 anos, matriculados no 7º e 8º semestre e distribuição paritária em relação ao sexo (Tabela 3).

Tabela 3  
Dados demográficos dos gestores das AAAs – UDMA/Cidade Universitária – 2019

	Presidentes		Diretores	
	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Idade				
21 anos	4	23.52%	10	22.72%
22 anos	7	41.17%	9	20.45%
23 anos	1	5.88%	12	27.27%
24 anos	3	17.64%	5	11.36%
25 anos	-	-	2	4.54%
25 anos	-	-	2	4.54%
27 anos	1	5.88%	2	4.54%
28 anos	-	-	1	2.27%
31 anos	1	5.88%	1	2.27%
Sexo				
Masculino	11	64.70%	22	50%
Feminino	5	35.29%	22	50%
Semestre				
3º e 4º semestre	2	11.78%	3	6.81%
5º e 6º semestre	7	41.17%	17	38.63%
7º e 8º semestre	8	47.05%	54	54.54%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A predominância de presidentes e diretores entre 21 e 24 anos está em conformidade com o perfil dos discentes de IFES do país, compostas por 49.3% entre 20 e 24 anos (Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2019).

Ao considerar que os presidentes e diretores apresentam perfil de estudantes próximos ao término da graduação, mediante a ausência de formação específica na gestão esportiva dos envolvidos, a ocupação de funções de lideranças nas associações segue um processo que inicialmente exige a compreensão da dinâmica do grupo e das ações realizadas, de modo a adquirir experiência prática, haja vista que as participações nessas funções são voluntárias, não remuneradas e desenvolvidas sem formação específica de gestão em esporte, dispondo do conhecimento tácito como elemento subsidiador.

Em que pese a distribuição paritária entre os sexos masculino e feminino dos diretores, o que representa um

avanço a ser considerado e estimulado, a presidência é exercida majoritariamente por homens (64.70%), mesmo 54.6% dos estudantes de IFES brasileiras serem do sexo feminino (Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis, 2019).

A exemplo do observado nesse estudo, a gestão do esporte universitário em Minas Gerais é ocupada sobretudo por homens (Barbosa, 2014). Essa realidade também se materializa no esporte universitário na cidade de São Paulo, em que 85.18% dos gestores das AAAs são homens (Palma, et al., 2018).

Em que pese avanços serem observados, em que há inserção da participação feminina na gestão do esporte universitário, este contexto ainda figura como espaço de reprodução das desigualdades entre homens e mulheres, dado as tipificações construídas historicamente que deram contornos a uma estrutura social conservadora na ocupação de funções de decisão, sobretudo, por homens, institucionalizada em diversos setores/organizações, dentre eles, o esporte moderno, ao qual a vertente universitária encontra-se vinculada.

A reprodução dos valores do esporte moderno permeou o esporte universitário e o fez, a priori, um espaço criado por e para homens, com inserção das mulheres em competições apenas tardiamente (Zeferino, et al., 2013), o que corroborou com que as mulheres fossem inseridas no mundo esportivo, seja como praticantes ou como gestoras, tardiamente. A exemplo do ocorrido nos Jogos Olímpicos e em algumas modalidades esportivas, em que a participação feminina foi inicialmente negada, a ocupação de cargos de gestão ainda é cenário de domínio masculino.

Tal realidade também é evidenciada na gestão esportiva brasileira não universitária, em que a ocupação do posto de presidente de clubes participantes do Campeonato Brasileiro de futebol da primeira divisão (Azevedo, et al., 2004), gestão de clubes socioculturais e esportivos (Bastos, et al., 2006) e de organizações esportivas participantes da Liga Basquete Feminino (Gitti, & Bastos, 2013), são exercidas somente por homens. Há aqueles que não existe exclusividade, mas a exemplo do observado na presente pesquisa, ocorre predominância masculina na gestão – academias de ginástica de Recife-PE (Correia, et al., 2017), academia *fitness* no Brasil (Santana, et al., 2012), federações esportivas (Laurentino, et al., 2020) e gestores de equipes de voleibol (Maroni, et al., 2010). Apenas em gestão de academias de ginástica foi evidenciada predominância feminina (Bastos, et al., 2011). A obrigação do cuidado com familiares e preconceitos relacionados a estereótipos foi pontuada como principais barreiras a participação feminina em conselhos de administração de Federações Esportivas Chilenas (Foppiano-Vilo, et al., 2022).

### Estrutura administrativa das AAAs

A estrutura administrativa é composta por 22 funções, tendo a maioria das AAAs de 11 a 20 diretorias (Tabela 4). A presidência e vice-presidência são funções centrais e outras 20 setoriais. Todas dispõem de presidente e a maioria, de diretorias relacionadas às modalidades esportivas (94.11%), ao marketing (94.11%), ao secretariado (82.35%), a eventos (76.47%) e a tesouraria (70.58%), o que indica organização semelhante aquelas com fins lucrativos, segmentada por especificidades e objetivos particulares.

Tabela 4  
Estrutura administrativa das AAAs – UFMS/Cidade Universitária – 2019

Funções	Absoluta	Relativa
Presidente	17	100%
Esportes	16	94.11%
Marketing	16	94.11%
Vice-presidente	15	88.23%
Financeiro	14	82.35%
Secretaria	14	82.35%
Eventos	13	76.47%
Tesouraria	12	70.58%
Patrocínio	6	35.29%
Comunicações	5	29.41%
Produtos	4	23.52%
Estagiários	3	17.64%
Patrimônio	3	17.64%
Bateria	2	11.76%
Filantropia	2	11.76%
Administrativo/Relações Sociais/ Conselho Fiscal/Artes/E-Sports/ Convênio/ Operações	1	5.88%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os dados indicam que o funcionamento e desenvolvimento das atividades das atléticas ocorrem seguindo organização estrutural, semelhante a clubes esportivos, em que a gestão dispõe de um conjunto de funções organizadas hierarquicamente. Essa estrutura não é fixa, modifica-se de atlética para atlética. Aguiar e Santos (2022) evidenciaram a composição por presidente, vice-presidente e diretores (administrativo/financeiro/jurídico, eventos e logística/rh, marketing). Marchiori (2015), por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretores (patrimônio, geral de esportes, externo de esportes, eventos, comunicação e patrocínio).

A presidência tem a responsabilidade de representação da AAA frente as autoridades da instituição, fornecedores, associados e estudantes; gerenciar administrativa e politicamente a entidade junto aos diretores; convocar reuniões para discussão e deliberação de pautas; descentralizar trabalhos aos diretores e acompanhar o andamento.

Por sua vez, a vice-presidência figura como auxiliar à presidência, com a função de desenvolver demandas por ele solicitadas, assim como substituí-lo em eventualidades.

Essas duas funções são centrais para o bom andamento das atividades desenvolvidas e não por acaso, também foram evidenciadas como predominantes em estudos realizados por Oliveira (2016) no Distrito Federal e Ferreira et al. (2022), no Rio de Janeiro.

A secretaria é responsável pelo registro da memória das reuniões, com elaboração de Atas, assim como realização de demandas pontuais solicitadas pela presidência e vice. Ainda, compete a responsabilidade pela organização de documentos e memória das informações do grupo. Em associações que não há essa função, as atribuições são desenvolvidas pelos próprios presidentes ou vice-presidentes.

As diretorias de esportes podem ser organizadas de maneira genérica, sem nenhuma especificação (Diretoria de Esportes) ou de modo específico por modalidades (Diretoria de Natação) ou categorias de esportes (Diretoria de Esportes Coletivos e Diretoria de Esportes Individuais). Essa diretoria figura como a mais frequente no âmbito das AAAs, predominando não apenas entres as atléticas analisadas neste estudo, mas também entre aquelas investigadas no Distrito Federal (Oliveira, 2016) e Rio de Janeiro (Ferreira, et al., 2022). Suas atribuições são acompanhar de perto o andamento das atividades esportivas, como a gestão de recursos materiais, físicos e humanos (treinador) para os treinamentos, organização de amistosos, participação e organização de competições, representar a equipe junto a presidência e participar de congressos técnicos. Por vezes, grupos que dispõem de elevada quantidade de associados, ainda contam com uma diretoria para coordenar os esportes por modalidades (Diretoria Geral de Esportes).

A Diretoria de Marketing é aquela que dispõem da responsabilidade por divulgação dos produtos a ela vinculados (camisetas, shorts, chinelos, gorros, óculos, canecas, chaveiros) ou serviços (festas, bailes, competições). Todavia, não se limita a isso, haja vista que é por intermédio do marketing que a marca (nome da atlética) é levada até os estudantes vinculados ao curso, despertando neste o sentido de pertencimento e vínculo. A forte presença dessa diretoria revelada nesta pesquisa pode estar relacionada as atléticas não mais contarem com financiamento para desenvolvimento de suas atividades, dado inexistência de obrigação legal, ficando sob sua própria responsabilidade a criação de caixa por meio de produtos e serviços.

A Diretoria Financeira é responsável por gerenciar e controlar a entrada e saída financeira. Dentre as receitas constam as anuidades, vendas de produtos e bilhetes para festas. As de saída, o pagamento de fornecedores de produtos e serviços. Sendo os custos em sua maioria arcados pelas próprias AAAs através de dispositivos de mensalidades, festas e vendas de produtos, essas entidades acabam dispendo de fluxo financeiro, o que exige e justifica a presença de uma diretoria específica para este fim.

Em que pese contar com uma estrutura organizacional semelhante a clubes esportivos ou empresas, o trabalho desenvolvido é pautado por pessoas voluntárias, não dispondo de cursos de gestão esportiva ou anos de experiência voltados para essa área (Palma, et al., 2018). Mesmo apresentando conhecimentos de gestão advindas da experiência prática, (elemento importante a ser considerado), para gestores de atléticas do Distrito Federal há necessidade de aprimoramento em gestão por parte dos membros através de cursos (Oliveira, 2016; Aguiar, & Santos, 2022).

Ao considerar que a gestão exige planejamento bem estruturado - organização de competições, levantamento de atletas, modalidades, comunicação, liderança, gestão de pessoas, gestão de riscos, gestão de processos, captação de recursos, elaboração e comercialização de produtos, organização de festas e gerenciamento financeiro -, mesmo diante do protagonismo do voluntariado estudantil na gestão do esporte universitário, a capacitação aos líderes estudantis que atuam frente ao esporte universitário se faz oportuna, dado ampliar a capacidade de gerenciamento dos diversos elementos que as AAAs exigem.

Isto porque a gestão demanda planejamento bem estruturado, com organização de competições, levantamento de atletas, modalidades, comunicação, liderança de pessoas, gestão de riscos, gestão de recursos financeiros (Palma, et al., 2018), capacitação de patrocínios, elaboração de produtos, organização de festas, gerenciamento contábil. Ao reconhecer a relevância do voluntariado, entende-se que cursos de pequena duração seriam pertinentes e favoreceriam avanços no desenvolvimento das atribuições atinentes a cada setor da estrutura hierárquica das atléticas. Certamente, a proposta não consiste em uma formação profissional à essas lideranças, mas sim no fomento de cursos de curta ou média duração, de modo que princípios balizadores e úteis ao maior sucesso gerencial sejam viabilizados.

Tal iniciativa poderia partir das próprias LIGAS (ou gestores das universidades) de modo a tratar de temas transdisciplinares da gestão por meio de trocas de experiências ou minicursos. As LIGAS são instâncias colegiadas compostas por integrantes das AAAs vinculadas a vários cursos que dialogam com questões afetas ao gerenciamento – organização de eventos (Educação Física), Legislação esportiva (Direito), Orçamento e fluxo contábil (Ciências Contábeis), administração e gerenciamento (Administração), mídias, propaganda e marketing (Comunicação Social, Administração, Economia), prevenção e primeiros socorros (Fisioterapia), portanto, com saberes importantes de serem compartilhados. Outras possibilidades viáveis são os cursos online, como aqueles disponibilizados pela CDBU, versando sobre educação financeira para universitários, jornalismo esportivo, fundamentos técnicos e táticos do futebol, futsal – métodos

e sistemas, direito desportivo, gestão de eventos esportivos, marketing, marketing digital, liderança voluntária.

### *Experiências dos diretores com aulas de Educação Física, treinamentos e competições esportivas*

No que concerne às experiências com Educação Física/ Esportes anteriormente ao ingresso na vida universitária, conforme Tabela 5, 72.72% informou sempre participar das aulas de Educação Física, 56.81% treinou alguma modalidade esportiva na etapa da Educação Básica e 45.45% participou de competições. Sempre participar nas aulas de Educação Física predominou entre todas diretorias – Esportes 94.44% (17), Baterias 71.42% (5), Eventos - 75% (3), Marketing 66.66% (3), Financeira/Tesouraria 50% (2), Associados 100% (1) e Parcerias 100% (1). Participar de treinamento de alguma modalidade esportiva predominou apenas nas diretorias de Esportes - 77.77% (14), Baterias 57.14 (4), Eventos 75% (3) e Marketing 66.66% (2). Por seu turno, participar de competições esportivas predominou somente na Diretoria de Esportes 72.22% (13).

Tabela 5

*Participação nas aulas de Educação Física e experiências dos gestores das AAAs – UFMS/Cidade Universitária – 2019 – com o esporte antes do ingresso na instituição*

	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Participação nas aulas de Educação Física		
Sempre	32	72.72%
Às vezes	4	9.09%
Nunca	8	18.18%
Treinou alguma modalidade esportiva na Educação Básica		
Sim	25	56.81%
Não	19	43.18%
Modalidades praticadas na Educação Básica		
Voleibol	7	25.92%
Handebol	5	18.51%
Futebol	5	18.51%
Futsal	4	14.81%
Basquete	4	14.81%
Judô	3	11.11%
Atletismo	2	7.40%
Natação	2	7.40%
Tênis/Muay Thay	1	3.70%
Participação de competições esportivas		
Sim	20	45.45%
Não	24	54.54%
Níveis das competições		
Municipal	9	36%
Estadual	11	44%
Nacional	3	12%
Internacional	2	8%
Modalidades que competiam		
Futsal	5	20%
Futebol de campo / Futebol	5	20%
Handebol	4	16%
Judô	3	12%
Basquete	3	12%
Vôlei	2	8%
Natação/ Karatê/ Atletismo/ Jiu-jitsu	1	4%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Esses dados indicam o papel relevante que a Educação Física enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica tem na vida esportiva na idade universitária, pois além das escolas e universidades com orientação de professores serem instituições em que a maioria dos brasileiros iniciaram a prática esportiva (Brasil, 2015), no presente estudo indicou que independente da diretoria, a maioria sempre frequentou as aulas.

Os eventos os quais as AAAs estão envolvidas não mais se limitam aos esportes, haja vista a presença de competições que exigem outras habilidades, como a musical e acrobacias ginásticas, empregadas em Desafios de Baterias, Desafio de Charangas, Desafio de Cheerleaders em eventos da Liga Esportiva das Engenharias do Paraná e Liga Jurídica Mineira, ambas em 2018 (Malaguti, Rojo, & Starrepravo, 2020).

O associativismo estudantil corrobora não apenas para o desenvolvimento da cultura esportiva no contexto universitário, mas também para outras experiências culturais, como a organização de festas e bailes, observados desde a sua criação (Pessoa, & Dias, 2020) aos dias de hoje (Ferreira et al., 2022, Palma et al., 2018).

O campo de atuação nas últimas décadas ampliou, passando a desenvolver ações relacionadas a organização e participação em eventos, campeonatos internos, olimpíadas interatleticas, competições universitárias regionais e nacionais; organização e participação em festas, calouradas e festivais; treinos das equipes esportivas, baterias, charangas e *cheerleaders*; confecção de produtos personalizados; recepção de calouros e campanhas de doação; palestras, assembleias e workshop (Pereira, & Silva, 2019).

Com isso, novos espaços para participação da gestão foram criados, dado a caracterização das mesmas em moldes de estrutura gerencial de empresas. Neste sentido, o contato com a Educação Física enquanto componente curricular pode favorecer a ocupação de funções nas atléticas em suas diferentes diretorias (esportivas, baterias, eventos, marketing, parecerias, associado), denotando que o esporte, independente da função, figura como aglutinador de universitários ao seu entorno.

Por outro lado, a participação em competições esportivas como atleta demonstrou ser preponderante para ocupar o cargo de diretor de esporte. Isto pode estar relacionado ao fato histórico que por longa data permeou o esporte, em que atletas, pelas habilidades técnicas adquiridas, acabam ocupando funções relacionadas a parte esportiva, por vezes, figurando como treinadores.

### ***Motivos da não participação em treinamentos esportivos***

Dentre aqueles que não tiveram experiências com o esporte anteriormente ao Ensino Superior (38.64%),

os motivos foram diversos, com realce, entre eles, para falta de tempo e de oportunidades (Tabela 6), barreiras recorrentes e predominantes nas investigações sobre os fatores que limitam e dificultam experiências de atividades físicas de lazer e esportes em diferentes segmentos populacionais no Brasil.

Tabela 6

*Barreiras a vivência dos esportes por gestores das AAAs – UFMS/Cidade Universitária – 2019 – não praticantes antes do ingresso na instituição*

Fatores que atuam como barreiras	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Falta de tempo	4	28.56%
Não tive oportunidades	3	21.42%
Nunca tive incentivo	2	14.28%
Sedentarismo/Preguiça	2	14.28%
Meus pais tinham medo de eu me machucar	1	7.14%
Nunca fui “boa” em esportes	1	7.14%
Não sou muito chegada em esportes	1	7.14%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A falta de tempo configura-se como uma das principais barreiras à ocupação do tempo com atividades físicas na adolescência (Müller, & Silva, 2013), condição que pode estar relacionada as cobranças sociais a respeito da preparação e qualificação para o futuro, pois na adolescência espera-se o empenho com os estudos de modo a lograrem êxito no ingresso ao Ensino Superior, seleções essas que frequentemente são mais disputadas e acirradas em instituições públicas, como a qual os participantes desse estudo são oriundos.

Por seu turno, no período universitário, a falta de tempo tem se reverberado como barreiras as experiências de lazer de estudantes de Ensino Superior em diferentes países – Brasil (Sousa, et al., 2013), Colômbia (Henao, & Arevalo, 2016), Espanha (Martínez-Lemos, et al., 2014), Reino Unido (Blake, et al., 2007) e Turquia (Daskapan, et al., 2006), condição que, com o avançar dos semestres, em consequência do acúmulo de atividades acadêmicas e/ou laborais, torna-se ainda mais influente (Fontes, & Vianna, 2009; Godoy-Cumillaf, et al., 2022), o que corrobora com que o percentual de discentes brasileiros envolvidos com esse tipo de atividade seja baixo (Tavares, et al., 2020), condição também evidenciada na Colômbia (Pimillos-Patiño, et al., 2022).

A realidade vivenciada por estudantes universitários exige que alternativas sejam criadas de modo a promover mudanças e possibilitar que disponham de maior acesso aos esportes e atividades físicas de lazer, pois os efeitos positivos das experiências com essas vivências são vários e ultrapassam os benefícios fisiológicos, favorecendo a promoção da saúde (Panatto, et al., 2019), a autoestima e qualidade de vida (González, & Froment, 2018) e aumento do bem-estar subjetivo (Pereira, et al., 2018).

As AAAs podem corroborar com mudanças neste quadro, vez que as mesmas dispõem de grande poder de engajamento social e costumemente fomentam treinamentos esportivos e competições e, conforme evidenciado por Gómez-Mazorra et al. (2022), o apoio social, satisfação das necessidades psicológicas básicas e motivação autodeterminada contribuem positivamente na intenção e na prática da atividade física entre universitários, como também diminuem as barreiras percebidas.

## Conclusões

Em que pese o esporte universitário historicamente ter passado por diferentes momentos no âmbito da UFMS/Cidade Universitária, os discentes lançam mão do associativismo e organizam as AAAs, compostas predominantemente por universitários de um mesmo curso.

A estrutura administrativa é diversa. Todas dispõem de presidência e a maioria de vice-presidência, secretariado e diretorias de esportes, marketing, eventos e tesouraria. Não há relação com o número de acadêmicos matriculados e filiados, o que indica que a filiação se encontra relacionada a atuação de cada atlética, que dispõe de critérios diferentes para credenciamento, mas que em sua maioria decorre do vínculo institucional com o curso e do pagamento de mensalidade, assim como a contrapartida destinada aos filiados, por descontos e acesso em ações.

No que tange a gestão, ser veterano (entre o 5º e 8º semestre) e ter experiências com aulas de Educação Física e treinamento esportivo ao longo da Educação Básica, demonstraram ser fatores predominantes entre os presidentes e diretores. Em que pese avanços tenham ocorrido, com distribuição paritária entre homens e mulheres nas diretorias, a ocupação da presidência é predominantemente masculina, o que pode estar relacionado a questões de estereótipos de gênero historicamente construídos e reforçados no âmbito esportivo. Para estudantes que não participaram de competições esportivas anteriormente a universidade, a falta de tempo e de oportunidades, figuraram como principais barreiras.

Para além dos benefícios diretos por meio de descontos e acesso facilitado a produtos e serviços, as AAAs possibilitam benefícios indiretos, como a integração social, experiências esportivas de competições em níveis locais, regionais e nacionais. Ainda, há entidades que promovem outras experiências relacionadas ao esporte/AFL, com a inserção de práticas inovadoras como as baterias, charangas e *cheerleaders*. Tais ações possibilitam maior engajamento de pessoas, como aquelas que não adquiriram o gosto pela prática esportiva (ou não dispõem a aptidão esportiva por vezes exigidas em competições), mas se interessam por estar envolvidas com funções ligadas ao esporte e ao grupo, figurando

como entidades relevantes para integração comunitária, promoção cultural esportiva e artística, com possibilidades para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Mediante aos dados obtidos, entende-se que funções compartilhadas no contexto universitário em prol do esporte figura como uma estratégia importante, aonde setores esportivos ligados a administração central gerenciem a oferta de ações à comunidade externa através de projetos de extensão e as LIGAS Universitárias, coordenem juntamente com as AAAs o esporte de competição e de lazer dirigidos aos associados, dado que dispõem de estrutura organizacional e recursos humanos voluntários para exercício das funções, podendo, tal quadro ser melhorado por meio de formação contínua transversal entre os diversos cursos envolvidos.

Em que pese as contribuições do presente estudo para melhor compreensão da organização, composição e estrutura organizacional, de modo a melhor compreender a atuação das mesmas no âmbito universitário, assim como os impactos do trabalho por elas desenvolvido, sugere-se que novos estudos ocorram, de modo a conhecer a estrutura administrativa e de gestão das AAAs em nível mais abrangente, como o estadual, regional e nacional, perspectivando a ampliação das discussões sobre a política de esporte universitário e a atuação do associativismo no país; que o impacto comunitário, esportivo e cultural das AAAs sejam analisados, a fim de contribuir com a melhor compreensão efetividade de suas ações.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e apoio do FNDE, por meio do financiamento de bolsas do Programa de Educação Tutorial ao primeiro, segundo e quarto autor.

## Referências

- Aguiar, E. E. C., & Santos, W. C. (2019). Percepção de membros de associações atléticas acadêmicas universitárias em relação ao planejamento e controle gerencial. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, 8(3), 278-291. Recuperado 15 Janeiro, 2022, de <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/11294/pdf>.
- Azevedo, P. H., Barros, J. F., & Suaidem, S. (2004). Caracterização do perfil do gestor esportivo dos clubes da Primeira divisão de futebol do distrito federal e suas relações com a legislação esportiva brasileira. *Revista da Educação Física – UEM*, 15(1), 33-42. Recuperado 15 Janeiro, 2022, de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3427>.

- Barbosa, C. G. (2014). Liderança na gestão do esporte universitário: proposta de criação de uma rede de dados. 112 p. *Dissertação* (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Universidade Estadual de Rio Claro, Rio Claro.
- Bastos, F. da C., Barhum, R. A., Alves, M. V., Bastos, E. T., Mattar, M. F., Rezende, M. F., Mardegan, M., & Dellangero, D. (2006). Perfil do administrador esportivo de clubes sócio-culturais e esportivos de São Paulo/Brasil. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5(1), 13-22. Recuperado Maio 20, 2021, de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1296>.
- Bastos, F. da C., Fagnani, E. K., & Mazzei, L. C. (2011). Perfil de gestores de redes de academias de fitness. *Revista Mineira de Educação Física*, 19(1), 64-74. Recuperado Janeiro 18, 2022, de [https://www.researchgate.net/publication/318204992\\_Perfil\\_de\\_Gestores\\_de\\_Redess\\_de\\_Academias\\_de\\_Fitness](https://www.researchgate.net/publication/318204992_Perfil_de_Gestores_de_Redess_de_Academias_de_Fitness).
- Belato, A. K. de M. (2018). Um estudo sobre a política do esporte universitário na Universidade de Brasília – UnB (2009-2016). 2018. 130 p. *Dissertação* (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.
- Blake, H., Stanulewicz, N., & McGill, F. (2017). Predictors of physical activity and barriers to exercise in nursing and medical students. *J Adv Nurs*, 73(4), 917-929. Recuperado Abril 29, 2021, de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27731886>.
- Bordalo, A. A. (2006). Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, 20(4), 5. Recuperado Dezembro 11, 2021, de <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpm/v20n4/v20n4a01.pdf>.
- Brasil (1941a). *Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941a*. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 7452. Recuperado Agosto 15, 2021, de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Brasil (1941b). *Decreto-lei nº 3.617/1941b*. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários. CLBR de 31.12.1941. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3617.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3617.htm).
- Brasil (1977). *Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977*. Regulamenta a Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, que institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11280. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1970-1979/d80228.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d80228.htm)
- Brasil (1993). *Decreto nº 981, de 11 de Novembro de 1993*. Regulamenta a Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993, que institui Normas Gerais sobre Desportos. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 17036. Recuperado Agosto 15, 2021, de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1993/decreto-981-11-novembro-1993-449358-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Brasil (1975). *Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975*. **Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 13460. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/16251.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16251.htm)
- Brasil (1993). *Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993*. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 9379. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18672.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18672.htm)
- Brasil (1998). *Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998*. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm)
- Brasil (2001). *Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001*. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 2001. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110264.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110264.htm)
- Brasil (2011). *Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011*. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 2011. Recuperado Agosto 15, 2021, de <https://legis.senado.leg.br/norma/585392>
- Brasil (2018). *Lei nº 13.756, de 12 de dezembro de 2018*. Dispõe sobre o Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP). Diário Oficial da União, edição 239, seção 1, página 1. Recuperado Agosto 15, 2021, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13756.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13756.htm)
- Brasil (2015). *Diagnóstico Nacional do Esporte – DIESPORTE*. 2015. Recuperado Maio 29, 2021, de [http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte\\_grafica.pdf](http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf).
- Camargo, P. R., & Mezzadri, F. M. (2018). A organização e configuração do esporte universitário no Brasil (1940-1980). *Revista Motrivivência*, v. 30(53), 52-68. Recuperado Janeiro 10, 2021, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n53p52/36351>.
- Correia, M. M. de B., Pedroso, C. A. M. Q., Silva, V. H. R., & Miranda, Y. (2017). O perfil dos gestores e as características das academias de ginástica de pequeno, médio e grande porte da cidade do Recife-PE. *Rev. Intercon. Gest. Desport.*, 7(3), 254-274. Recuperado Junho 11, 2021, de <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=4797>.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2(4), 1-13. Recuperado Fevereiro 20, 2021, de <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=4797>.
- Daskapan, A., Tuzun, E. H., & Eker, L. (2006). Perceived barriers to physical activity in University students Arzu Daskapan. *Journal of Sports Science and Medicine*, 5(4), 615-620. Recuperado Maio 29, 2021, de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3861763>.

- De Von, H., Block, M. E., Moyle-Wright, P., Ernst, D. M., Hayden, S. J., Lazzara, D. J., Savoy, S. M., & Kostas-Polston, E. (2007). A psychometric toolbox for testing validity and reliability. *J Nurs Scholarsh*, 39(2), 155-164. Recuperado Maio 28, 2021, de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17535316/>.
- Edwards, P. J., Roberts, I., Clarke, M. J., Diguiseppi, C., Wentz, R., Kwan, I., Cooper, R., Felix, L. M., & Pratap, S. (2009). Methods to increase response to postal and electronic questionnaires. *Cochrane Database Syst Rev*, 8(3), MR000008. Recuperado Março 19, 2021, de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19588449>.
- Ferreira, G. C., Ferreira, V. C. V., Peixoto, S. S., & Vieira, J. J. (2022). Associações Atlético-Acadêmicas: Gestão Esportiva Universitária. *Revista Concilium*, 22(2), 461-474. Recuperado Junho 29, 2022, de <http://clium.org/index.php/edicoes/article/view/274>.
- Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES – 2018*. Brasília. Recuperado Agosto 19, 2021, de <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>.
- Fontes, A. C. D., & Vianna, R. P. T. (2009). Prevalência e fatores associados ao baixo nível de atividade física entre estudantes universitários de uma Universidade pública da região Nordeste – Brasil. *Rev Bras Epidemiol*, 12(1), 20-29. Recuperado Março 18, 2021, de <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/Q8s5DXHVnLjnKf85Tqmfqkq/abstract/?lang=pt>.
- Foppiano-Vilo, G., Matus-Castillo, C., & Cornejo-Améstica, M. Barreras, facilitadores y estrategias que influyen en la participación femenina en juntas directivas de federaciones deportivas chilenas. *Retos*, 44, 34-44. Recuperado Junho 16, 2022, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/90136/66672>.
- Gil, A. C. (2010a). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2010b). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, R. F., Camelo S. H., & Laus, A. M. (2013). Nursing tasks in the Material Storage Center of hospital institutions. *Texto Contexto Enferm*, 22(4), 927-934. Recuperado Fevereiro 19, 2021, de <https://www.scielo.br/j/tce/a/sXk7Z8XjzB-GwnzJjHYB4hzp/?lang=en>.
- Gitti, V. da S., & Bastos, F. C. (2013). Estrutura Organizacional e Perfil do Gestor de Equipes Participantes da Liga Feminina de Basquete (LFB) 2011/2012. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, 2(2), 53-75. Recuperado Maio 18, 2021, de <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9502>.
- Godoy-Cumillaf, A., Fuentes-Merino, P., Jiménez-Díaz, J., & Vásquez-Gómez, J. (2022). Estudio comparativo del comportamiento de movimiento de 24 horas, en estudiantes universitarios de pedagogía en educación física. *Retos*, 43, 177-184. Recuperado Agosto 19, 2021, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/87285>.
- Gómez-Mazorra, M., Reyes-Amigo, T., Torres, H. G. T., Sánchez-Oliva, D., & Labisa-Palmeira, A. (2022). Actividad física en tiempo libre en estudiantes universitarios y transición escolar a la universidad desde las teorías de comportamiento: una revisión sistemática. *Retos*, 43, 699-712. Recuperado Julho 19, 2021, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/89693>.
- González, A. J. G., & Froment, F. (2018). Beneficios de la actividad física sobre la autoestima y la calidad de vida de personas mayores. *Retos*, 33, 3-9. Recuperado Setembro 22, 2021, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/50969>.
- Henaó, R. F. R., & Arevalo, M. T. V. (2016). Barreras percibidas en jóvenes universitarios para realizar actividad física. *Revista Cubana de Salud Pública*, 42(1), 61-69. Recuperado Março 19, 2021, de [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-34662016000100007](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662016000100007).
- Laurentino, L. C. de S., Barros Filho, M. A., Miranda, Y. H. B., Silva, V. H. R., & Pedroso, C. A. M. Q. (2020). O Perfil do Gestor Esportivo das Federações de Tiro com Arco do Brasil. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 10(1), e10008. Recuperado Março 18, 2021, de <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=8389>.
- Machado, J. R., & Zem, C. A. (2004). Marketing esportivo: Um estudo sobre o crescimento das instituições de ensino na prática do patrocínio esportivo. *Anais da VII Seminários em Administração -FEA-USP*, São Paulo: VII SEMEAD, 1-11.
- Malagutti, J. P. M., Rojo, J. R., & Starepravo, F. A. (2020). O esporte universitário brasileiro: organizações oficiais e as associações atléticas acadêmicas. *Research, Society and Development*, v. 9(8), e32985325. Recuperado em Junho 15, 2022, de <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5325/4377>.
- Mandarino, J. D. B., Silva, C. A. F., Capinussú, J. M., & Ribeiro, C. H. V. (2013). Esporte e marketing nas IES: o caso dos gestores participantes das olimpíadas universitárias. *SALUSVITA*, v. 32(1), 63-85. Recuperado Maio 19, 2021, de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-698391>.
- Marchiori, F. B. (2015). Conhecendo o passado para planejar o futuro: um plano de relações públicas para a associação atlética acadêmica Unesp Bauru baseado em seu histórico institucional. 137p. *Projeto Experimental* (Bacharelado em Comunicação Social: relações públicas) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru. Recuperado Maio 19, 2021, de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136165>.
- Maroni, F. C., Mendes, D. R., & Bastos, F. C. (2010). Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, 24(2), 239-248. Recuperado Maio 19, 2021, de <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/PYFtzVFFyMcLYg4k-pP3LTpq/?lang=pt>.

- Martínez-Lemos, I., Ribera, A. P., & García-García, O. (2014). Perceived Barriers to Physical Activity and Related Factors in Spanish University Students. *Journal of Preventive Medicine*, 4(4), 164-174. Recuperado Maio 18, 2021, de <https://www.scrip.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=44707>.
- Melo, V. A. (1997). O Movimento Estudantil na Educação Física Brasileira: Construção, Atuação e Contribuições na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Movimento*, v. 4(7), 9-19. Recuperado Fevereiro 18, 2021, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2363>.
- Müller, W. A., & Silva, M. C. (2013). Barreiras à prática de atividades físicas de adolescentes escolares da zona sul do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(3), 344-346. Recuperado Maio 19, 2021, de <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/2608>.
- Nogueira, G. (2003). A grande jogada das universidades. *Revista Ensino Superior*, v. 47, 20-23.
- Oliveira, G. C. (2016). Gestão organizacional nas atléticas: um estudo sobre gerenciamento das Associações Atléticas Acadêmicas do DF. 69 p. *Trabalho* (Conclusão de curso em Bacharel em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Departamento de Administração, Universidade de Brasília, Brasília.
- Panatto, C., Kühn, A., Vieira, D., Bennemann, G., Melhem, A., Queiroga, M., & Carvalhaes, M. (2019). Efeitos da prática de atividade física e acompanhamento nutricional para adultos: um estudo caso-controle. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, v. 13(78), 329-366. Recuperado Junho 19, 2022, de <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/953>.
- Palma, D. D., Carvalho, S. F., Oliveira, A. C., & Amaral, P. C. (2018). Perfil dos gestores do esporte universitário do município de São Paulo. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 8(2), 151-162. Recuperado Maio 19, 2021, de <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=view&path%5B%5D=6727>.
- Pereira, B. A., & Silva, L. P. (2019). Políticas de esporte e lazer nas universidades federais de Minas Gerais: um olhar sobre as Associações Atléticas Acadêmicas. *Licere*, 22(4), 95-136. Recuperado Julho 29, 2021, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/16263>.
- Pereira, L., Fernández, E., Cruz, M., & Santiesteban, J. (2018). Programa de actividad física y su incidencia en la depresión y bienestar subjetivo de adultos mayores. *Retos*, 33, 14-19. Recuperado Maio 11, 2021, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/49638>.
- Pessoa, V. L. de F., & Dias, C. (2019). História do esporte universitário no Brasil (1933-1940). *Revista Movimento*, v. 25, 1-13. Recuperado Janeiro 10, 2021, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82512>.
- Pessoa, V. L. de F., & Dias, C. (2020). Política, associativismo e esporte universitário na década de 1930. *Revista Movimento*, v. 26, e26066. Recuperado Janeiro 10, 2021, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100596>.
- Pinillos-Patiño, Y., Rebolledo-Cobos, R., Herazo-Beltrán, Y., Oviedo-Argumedo, E., Ospino, O., Valencia-Fontalvo, P., & Cortés-Moreno, G. (2022). Estilo de vida em adultos jovens universitários de Barranquilla, Colombia. Diferencias según sexo y estatus socioeconómico. *Retos*, 43, 979-987. Recuperado Maio 15, 2022, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/87335>.
- Pires, G. de L. (1998). Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 9(1), 25-34. Recuperado Março 19, 2021, de <https://doaj.org/article/2d29ce3ed94f4427bae2bbe2f3c2f52a>.
- Santana A. L. C., Monteiro, G. M., Pereira, C. C., & Bastos, F. C. (2012). Perfil dos gestores de academia fitness no Brasil: Um estudo exploratório. *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 1(1), 2846. Recuperado Maio 20, 2021, de <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9493>.
- Santos, F., Camilo, A., Cardoso, A., & Pereira, P. (2021). Desporto Universitário em Portugal: novas perguntas e novas possibilidades. *Retos*, 44, 456-463. Recuperado Maio 20, 2021, de <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/88635>.
- Sousa, T. F., Fonseca, S. A., & Barbosa, A. R. (2013). Perceived barriers by university students in relation the leisure-time physical activity. *Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.*, 15(2), 164-173. Recuperado Maio 12, 2021, de <https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/pSxPXMsbhbJxVwhKbj6qpVz/?lang=en>.
- Starepravo, F. A., Reis, L. J. A., Mezzadri, F. M., & Marchi Júnior, W. (2010a). Esporte Universitário Brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 31(3), 131-148. Recuperado Maio 22, 2021, de <https://www.scielo.br/j/rbce/a/GLPKtygVZG-gTLJvWnDSd5gK/abstract/?lang=pt>.
- Starepravo, F. A., Reis, L. J. A., Mezzadri, F. M., & Marchi Júnior, W. (2010b). O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade*, 5(14), 1-23. Recuperado Maio 22, 2021, de <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48330/28039>.
- Tavares, G., Oliveira, D., Rodrigues, L., Mota, C., Sousa, T., & Polo, M. (2020). Inatividade física no lazer durante a pandemia da COVID-19 em universitários de Minas Gerais. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*, 25, e0178. Recuperado Janeiro 22, 2022, de <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14420>.
- Toledo, R. (2006). *Gestão do esporte universitário: uma importante estratégia de marketing para as universidades*. São Paulo: Aleph.
- Zeferino, J. C., Barletto, M., & Salles, J. G. do C. (2013). A participação de mulheres no esporte universitário: um campo em disputa. *Movimento*, 19(2), 11-30. Recuperado Maio 12, 2021, de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/24008>.